

# CURRÍCULO: FERRAMENTA QUE CONTRIBUI PARA O FRACASSO ESCOLAR?

<sup>1</sup>Eugenia Nogueira Barros  
<sup>1</sup>Francisca Emanuela Fontenele  
<sup>1</sup>Maria do Carmo Portela Nunes

## RESUMO

Os problemas sociais e as modificações sofridas por nosso sistema econômico/produtivo refletem diretamente no sistema educacional, e uma das consequências preocupantes de tais problemas é o fracasso escolar, que assola de maneira preocupante principalmente as escolas públicas brasileiras, onde o currículo atua como a principal via de comunicação e disseminação das ideias e princípios. Indagações nos causam angústias quando nos propomos a olhar mais de perto os problemas da educação. Este escrito objetiva debater e refletir acerca das relações implicativas entre o Currículo e o Fracasso Escolar, os quais além de se correlacionarem, apresentam uma complexa discussão, devido aos diversos fatores que norteiam essa problemática. Pretendemos assim, provocar novas reflexões baseadas nas ideias de autores que discutem sobre este tema, concomitantes com os resultados da pesquisa do tipo etnográfico realizada em uma das escolas da rede municipal da cidade de Parnaíba, no estado do Piauí. Utilizamos como instrumento de pesquisa a aplicação de questionários, além da realização de observações e entrevistas semi-dirigidas. As reflexões evidenciaram o quanto a educação continua desvinculada da realidade do educando, e como o currículo está relacionado à uma questão cultural a qual favorece e garante a hegemonia das classes dominantes em detrimento das classes dominadas, e que a escola ao invés de transformar, paradoxalmente exclui e segrega os menos favorecidos, levando-os ao fracasso e a garantir a disseminação do “*status quo*”.

Palavras-chave: Currículo. Fracasso Escolar. Escola Pública.

## Introdução:

A discussão acerca do fracasso escolar é cada vez mais presente no âmbito educacional, iniciada em meados das décadas de 70 e 80 nunca deixou de ser assunto presente desde então, haja vista ser este um dos principais problemas a assolar a educação brasileira, em nossas hipóteses o que apresenta maior dificuldade de resolução. Na era da pós-modernidade na qual o Brasil tem um rápido desenvolvimento econômico, questionamentos surgem acerca do não desenvolvimento social da população. Na verdade a inserção do neoliberalismo contribui para uma dicotomia ainda maior nas classes sociais brasileiras. É notória uma aparente vantagem econômica do Brasil na geopolítica atual como potência emergente, contudo não reflete em melhora substantiva para a população.

A origem do problema é que estamos submetidos aos ditames neoliberais que se tornou mundialmente hegemônico e que na verdade agravou ainda mais a situação, quando contribui de forma ativa para a perpetuação das injustiças sociais. Tal doutrina econômica é a

---

<sup>1</sup>Acadêmicas do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia – Magistério, da Universidade Federal do Piauí – UFPI/ Campus Parnaíba, cursando o 7º período, residentes na cidade de Parnaíba-PI

do estado mínimo, em que defende a privatização de todos os serviços públicos. Entretanto, precisa-se de um Estado atuante para moralizar e tornar eficiente o funcionamento das instituições democráticas. Consideramos que o melhor caminho seja construir uma postura atenta, esclarecida e atuante, o que é possível com a contribuição da educação. (LIBANEO, p. 109-110)

Os problemas sociais e as modificações sofridas por nosso sistema econômico/produtivo refletem diretamente no sistema educacional, e a principal via de comunicação e disseminação das ideias e princípios é o currículo que não pode ser considerado apenas como uma grade de disciplinas escolares ou como um programa de curso, o currículo não se limita só a isso, pois se caracteriza pela multiplicidade de temáticas relacionadas a ele, e de acordo com CASTANHO, (1995) é através dele que a macro estrutura social penetra na micro estrutura social. O currículo vigente, então segue a risca os ditames dos que se encontram em posição de denominadores perante a sociedade. De acordo com Freire (1999), a escola não é neutra, ela é o reflexo da sociedade, e como tal reproduz suas práticas sociais, colaborando assim muitas vezes para manter o “*status quo*” de maneira a perpetuar a situação de poder de uns em detrimento de outros.

Esses discursos e fatos nos causam inquietações, diante do cenário atual da educação no Brasil. Nota-se um total descaso com a educação pública, os alunos ano após anos fracassam, evadem ou até mesmo não chegam a frequentar as escolas, fato este que contraria as leis estabelecidas, onde determinam o direito a frequentar a escola e a obter uma educação de qualidade. O currículo via esta que deveria contribuir para que a escola cumpra seu papel de emancipar e munir o indivíduo de subsídios para que o mesmo se torne capaz de refletir a cerca de sua realidade, bem como agir sobre ela de forma a modificá-la, exercendo seu papel de cidadão ativo e interativo dentro de seu meio, colabora de forma a disseminar a cultura hegemônica, o que culmina em reproduzir as injustiças e desigualdades existentes no âmbito social.

Indagações nos causam angústias quando nos propomos a olhar mais de perto os problemas da educação. O que mantém a escola, principalmente a pública, presa à mesma situação de anos atrás? Foi o que ficou evidente neste trecho de Comênio<sup>2</sup>, o qual foi escrito por volta de 1932 e o que nos leva a uma reflexão desanimadora quando fazemos uma

<sup>2</sup>comparação com a realidade atual

<sup>2</sup>Nome latinizado de Jan Amos Komensky (1592-1670), educador nascido na Moravia (parte atual da República Tcheca) Defendia sua pedagogia com a máxima: "Ensinar tudo a todos" que sintetizaria os princípios e fundamentos que permitiriam ao homem colocar-se no mundo como autor. A didática é, ao mesmo tempo, processo e tratado: é tanto o ato de ensinar quanto a arte de ensinar.

Desde a mais de cem anos, espalhou-se uma grande quantidade de lamentações sobre a desordem das escolas e do método, e, sobretudo nos últimos trinta anos, pensou-se ansiosamente nos remédios. Mais com que proveito? As escolas permanecem tais quais eram. Se alguém, particularmente, ou em qualquer escola particular, começou a fazer qualquer coisa, pouco adiantou: ou foi acolhido pelas gargalhadas dos ignorantes, ou coberto pela inveja dos malévolos, ou então privado de auxílios, sucumbiu aos pesos dos trabalhos; e, assim, até agora, todas as tentativas tem resultados vãs. (*apud* CORTELA, 2008, P.109)

Cortella (2008) trás as inquietações de Comênio para a educação contemporânea e o que constatamos, é que, mudou o cenário, novas tecnologias surgiram, a globalização implantou o progresso econômico, facilitando as operações comerciais entre os países, o currículo passou por diversas modificações, haja vista que este está sempre em conformidade com os anseios da sociedade, e a educação continua a mesma, dividida entre a educação dos que compõem a camada mais alta da sociedade e a educação das massas. Nesse novo contexto com tantas inovações surgindo a todo instante, não entendemos porque a educação não acompanha a velocidade do desenvolvimento, principalmente a escola pública que hoje conta com a maioria de seu quadro docente graduados ou pós graduados, conta com verbas destinadas à escola, como é o caso do <sup>3</sup>PDE, <sup>4</sup>PDDE e tantas outras, e mesmo assim continua sendo um foco de alunos com o “rótulos” de analfabetos funcionais, ou fracassados. O que contribui para que estes alunos fracassem? Que fatores contribuem para que a educação brasileira não deslanche? Por que alunos da escola pública são esmagados quando concorrem com alunos da rede privada? De que forma o currículo contribui para a reprodução de uma cultura hegemônica, desvalorizando a subjetividade das comunidades?

Em tempos de discursos que elencam propostas de uma educação de qualidade, democrática e relevante para a construção de um conhecimento escolar multiculturalmente determinado. Questionamentos surgem a todo instante a cerca do por que essas ideias não se tornam realidade. Este trabalho objetiva debater sobre o âmbito educacional através de questionamentos, bem como respostas significativas no sentido de analisar e desvelar os problemas que permeiam a educação, como o fracasso escolar, que é compreendido como o não alcance do desenvolvimento das habilidades imprescindíveis para atender as necessidades

---

<sup>3</sup> O Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE-Escola) é uma ferramenta gerencial que auxilia a escola a realizar melhor o seu trabalho: focalizar sua energia, assegurar que sua equipe trabalhe para atingir os mesmos objetivos e avaliar e adequar sua direção em resposta a um ambiente em constante mudança.

<sup>4</sup>O Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) tem por finalidade prestar assistência financeira, em caráter suplementar, às escolas públicas da educação básica das redes estaduais, municipais e do Distrito Federal e às escolas privadas de educação especial mantidas por entidades sem fins lucrativos, registradas no Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) como beneficentes de assistência social, ou outras similares de atendimento direto e gratuito ao público.

sócio-políticas e culturais para que os indivíduos atuem ativamente na sociedade. Como também intencionamos compreender como o currículo contribui para manter/transformar esta estagnação perante o problema mencionado e que a muito compõe o cenário da educação no Brasil. Pretendemos ainda com este texto provocar novas reflexões baseadas nas ideias de autores que discutem sobre este tema, concomitantes com os resultados da pesquisa realizada em uma das escolas da rede municipal da cidade de Parnaíba, no estado do Piauí.

Os dados para a pesquisa foram extraídos por meio do estudo do tipo etnográfico, o qual é uma técnica, que consiste no estudo por vivência direta da realidade onde este se insere. As pesquisas realizadas com essa técnica resultam numa grande quantidade de informação, através de questionários, gravações de áudio e vídeo e um conjunto de objetos que fazem parte das culturas, e da subjetividade do que se pretende estudar. Um estudo etnográfico requer muito mais tempo, bem como a necessidade da tentativa de ser um pesquisador neutro, na tentativa de fidelizar o teor pesquisado, embora saibamos que o pesquisador ao analisar os dados colhidos analisará de acordo com sua interpretação o que é quase impossível haver total neutralidade, haja vista que esse estudo é realizado a partir de dados qualitativos, os quais segundo André (2005), busca superar o método aplicado as Ciências Físicas e Naturais, fundamentadas numa perspectiva positivista, já que os fenômenos humanos são mais complexos e dinâmicos, buscando interpretar os fatos ao invés de constatar-los.

Além de privilegiar a abordagem qualitativa, utilizamos os métodos próprios da etnografia, pois de acordo com André (2005), considerar que os dados são inacabados, que o observador não pretende comprovar teorias nem fazer grandes generalizações, mas sim buscar descrever para compreender e relevar os seus múltiplos significados. Portanto pretendemos refletir acerca das relações implicativas entre o Currículo e o fracasso escolar, os quais além de se correlacionarem, apresentam uma complexa discussão, devido aos diversos fatores que norteiam essa problemática. A pesquisa aborda questões relacionadas à atuação do currículo na formação da sociedade, bem como tudo o que está interligado a ele no âmbito educacional, ou seja, a formação dos professores, as práticas curriculares dentro da escola, os fatores que determinam a criação do currículo a ser desenvolvido e a possível contribuição deste para o fracasso escolar.

### **Analisando o currículo como ferramenta para o fracasso escolar**

Para melhor esboçarmos a temática já referida, selecionamos uma escola objeto de estudo localizada em um bairro periférico da cidade, a qual é a terceira maior do município, em termos de números de alunos, possui boa estrutura física, com biblioteca, sala de recursos multifuncionais, sala de vídeo, sala de leitura, professores em sua maioria

graduados e pós graduados, e ainda recentemente conta com um professor de recreação, em sua gestão conta com a tão famosa trindade pedagógica, que é composta pela Gestora e Vice-Gestora, Coordenadora pedagógica, Supervisora pedagógica e ainda contam com o auxílio da Supervisora da merenda. Mesma munida de todos esses aparatos a escola possui um baixo índice de desenvolvimento (IDEB), em sua grande maioria os alunos não aprendem a ler ou no máximo são alfabetizados o que não representa serem letrados, pois os mesmos só decodificam não se apoderam do poder libertador da leitura e da escrita.

Freire (1986) acredita que o currículo deve se adequar a realidade do educando e o professor deve trabalhar a partir da educação dialógica, com base no conhecimento que o educando trás a sala de aula.

O currículo padrão, o currículo de transferência é uma forma mecânica e autoritária de pensar sobre como organizar um programa , que implica, acima de tudo, numa tremenda falta de confiança na criatividade dos estudantes e na capacidade dos professores! Porque, em última análise, quando certos centros de poder estabelecem o que deve ser feito em classe, sua maneira autoritária nega o exercício da criatividade entre professores e estudantes. O certo, acima de tudo, está comandando e manipulando, à distância, as atividades dos educadores e dos educandos. (FREIRE, 1986, p. 97)

Trocando em miúdos, o autor acredita que o professor está impedido de pautar sua prática num universo que leva em consideração a diversidade cultural de seus educandos, pois o mesmo que adaptar sua prática a um currículo que já vem pronto e acabado com ideias da cultura hegemônica, o que muitas vezes dificulta a aprendizagem dos mesmos, haja vista que estes são os submetidos a ensinamentos totalmente dissociados de sua realidade, fato este que culminará em alunos incapazes de compreender o universo de conhecimento ao qual são submetidos. Para o autor “É na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos, educadores e povo, que iremos buscar o conteúdo programático da educação.” (FREIRE, p.101) Ou seja, envolver o aluno em seu próprio mundo para que assim o mesmo consiga construir seu próprio conhecimento, partindo do micro para o macro. E isso é perceptível no discurso da professora J.S. que leciona na 4ª série da escola objeto de estudo, quando questionada a cerca da importância da cultura local para a formação do conhecimento do aluno:

É importante e eu valorizo e dentro do meio deles sabem muito, se você for ver ele sabe de muita coisa que nem a gente sabe. Porque é aquela história do pescador, o pescador não estudou mais ele conhece melhor o mar do que qualquer pessoa. Então dentro da aprendizagem dele ele sabe muito. Aqui em Parnaíba eles conhecem a cultura popular deles, o boi, sabem desde a origem porque é cantada nas troadas, sabem o porquê de cada personagem daquele. A música eles não sabem onde se originou aquela música que eles

escutam ou o porquê de ouvir ou o porque que eles gostam, então se eu quero trabalhar música clássica eu tenho que começar da deles, não importa se ele vai gostar da música clássica ou não, o importante é que ele conheça. Ele nunca ouviu falar no Monteiro Lobato, mas ele conhece o Sítio do picapau amarelo porque ele viu na televisão e a partir do que ele viu na televisão eu posso fazer ele conhecer o escritor Monteiro Lobato. ( ENTREVISTA I)

Em outra abordagem, Soares critica a escola afirmando ser esta “antes contra o povo que para o povo”, pois altos índices de repetência e evasão indicam que os alunos que entram na escola não conseguem aprender ou não permanecem nela. A autora cita três explicações para a contradição da escola, sendo a primeira, “A ideologia do dom” que prega que a escola dá oportunidades iguais para todos e depende do “dom, da aptidão, inteligência e talento de cada um” para alcançar o sucesso ou o fracasso. Dessa forma a escola se exime da responsabilidade do fracasso dos educandos, direcionando a estes a causa deste fim a partir da ausência de capacidades para aproveitar o que a escola proporciona.

A segunda explicação é pautada na “Ideologia da deficiência cultural” onde os indivíduos que fracassam o fazem por serem “menos dotados, menos aptos, menos inteligentes”, e se pertencem à camada de dominados da sociedade é por não ser capazes de ascender por conta de suas limitações. Essa concepção não resiste á análises sócio-políticas ou econômicas, haja vista que a divisão de classes nas sociedades capitalistas é resultado não das características dos indivíduos, mas da divisão do trabalho, ou seja, “um grupo, dono do capital, se apropria do trabalho de outro grupo, que vende sua força de trabalho ao primeiro.” Sendo estes os que compõem a camada dominante da sociedade gozando de condições de vida favoráveis, o que se difere das classes trabalhadoras que tem condições socialmente e economicamente desfavoráveis. Nesta segunda explicação, assim como na primeira o responsável pelo fracasso é o aluno, por ser desprovido de “vantagens intelectuais”.

A terceira explicação, “A ideologia das diferenças culturais” indica que o aluno fracassa por não ter acesso à um ambiente culturalmente rico, e que este fator é determinante para a eficácia do desenvolvimento da aprendizagem. O aluno, de acordo com a ideologia das diferenças culturais, que não é oriundo de um meio cultural estimulado é considerado “deficiente” chega à escola sem bagagem cultural o que acaba por contribuir para que este fracasse. Todavia não é levada em consideração a cultura das classes dominadas e este aluno sofre uma “marginalização cultural”, pois na escola é disseminado uma cultura hegemônica tida como “certa”, ignorando os padrões da cultura do educando, ou tendo-os como inexistentes ou errados. Nesta explicação culpa-se a escola pela “discriminação a diversidade cultural, transformando diferenças em deficiências.” (p.09-16) A este respeito a coordenadora

da escola (objeto da pesquisa) atribui à desestruturação das famílias e a falta de metas dos alunos o fracasso dos mesmos:

A falta de compromisso da família, são muitas famílias desestruturadas, os alunos não tem metas nem a família e isso leva ao fracasso na sala de aula, é preciso que os alunos vejam a escola como o local ideal para o seu futuro e é isso o que leva ao fracasso é a falta de objetivos por parte dos alunos, não culpando a escola mas sim os pais de uma certa forma porque a escola ela faz seu papel, o melhor papel, tentando mostrar o valor do ensino mas de uma grande parte as famílias não colaboram, não mostram, não vou dizer que são todas, pois tem famílias que são compromissadas, e o fracasso escolar ele vai começando por aí, como meu pai não me cobra minha mãe não me cobra o valor do ensino eu só vou para a escola por ir sem nenhuma meta e isso leva ao fracasso. (ENTREVISTA II)

O discurso acima demonstra a forma como a maioria dos educadores veem os problemas da educação, ou seja, eles nunca se colocam como um dos fatores a contribuir para o fracasso dos alunos, e esta fala se repete, sempre colocando os professores como vitima, são vitimados pela falta de interesse dos alunos, pela ausência da família na escola, pela indisciplina, ou até mesmo pela falta de perspectiva de vida destes, o fracasso da educação é atribuído a vários fatores, mas na visão dos professores, esses estão totalmente isentos de responsabilidade, pois os mesmos vivem uma dura realidade com baixos salários, turmas superlotadas, o que serve como escudo para que muitos de nossos educadores não exerçam seu ofício com responsabilidade e respeito. Não estamos dizendo que esses problemas não existem, ou que são inventados, mas percebe-se que muitas vezes o professor esquece que faz parte do quadro de funcionários públicos do município que estes têm seus salários pagos pela sociedade, e deveriam cumprir também com seu papel de educadores, evitando assim a disseminação do pacto da mediocridade, em que todos fingem, tanto governo, como professores e alunos, compondo uma teia de irregularidades e farsas, levando a educação à realidade em que se encontra. Para Gustavo Ioschpe, economista e pesquisador da educação mundial:

A ideia de que nosso aluno não aprende porque não se interessa ou porque os pais não se importam com a escola é ridícula, para não dizer maliciosa. Seria algo na composição do nosso ar, ou algum vírus na água que os brasileiros bebem, que aniquila a curiosidade das nossas crianças e o desejo dos pais de ver os filhos progredindo na vida? (VEJA, 2008)

Esse pensamento nos remete a questão do currículo e de como ele está interligado ao fracasso ou sucesso de nosso alunado, considerando as pesquisas de Ioschpe, nas quais ele tenta descortinar os segredos dos países que ocupam os primeiros lugares na educação mundial, atestado pelo PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), no qual se encontram destacados Xangai em primeiro e Finlândia em segundo, esse fato nos faz

questionar, bem como nos provoca reflexões acerca dos motivos pelos quais o Brasil não avança no âmbito educacional. Para o economista o segredo desses países que possuem metodologias educacionais tão divergentes, haja vista que Xangai possui uma educação pautada no trabalho e na disciplina ao contrário da Finlândia com uma educação mais espontânea, onde os professores tem mais autonomia e instigam a criatividade dos alunos.

Para o autor o modelo de educação de um dos países jamais daria certo se inserido no outro, pois este foi elaborado a partir da realidade de cada um deles, o que nos aponta uma diretriz para que no Brasil haja uma reformulação no currículo, visando incorporar ao mesmo, práticas educacionais voltadas a realidade de nosso país, haja vista que no Brasil desde o golpe de 1964, com os acordos fixados pelo MEC-USAID (Ministério da Educação e Cultura e United States Agency for Interbational Development) “que adotaram a assistência planejada para implantação da reforma educacional, que visa atrelar o sistema educacional ao modelo econômico dependente, imposto pela política norte-americana para a América Latina”, até os dias atuais em que o Brasil teve como referência os parâmetros curriculares da Espanha.

Durante a pesquisa as professoras foram questionadas sobre o que elas entendem por Currículo Escolar e como avaliam este currículo, caso acreditem no fato deste levar ao fracasso escolar. As respostas dadas a este questionamento foram evasivas, como no caso de uma professora com grande experiência no município afirmar que o currículo “É tudo de bom que é repassado aos alunos numa escola como: educação respeito e conteúdos curriculares.” (ENTREVISTA I), mesmo com tal experiência foi perceptível o baixo grau de conhecimento sobre este assunto e a mesma avaliou o currículo como culpado pelo fracasso escolar daquela instituição com a nota 3.

De acordo com a resposta dada pela professora, percebemos a falta de compreensão do que é currículo, apesar desta ser uma profissional com anos de carreira e mesmo assim não ter uma ideia mais abrangente acerca das definições de currículo que ela própria vivencia diariamente com seus alunos. Para Teixeira o currículo “é o conjunto de atividades nas quais as crianças se engajarão em sua vida escolar. O currículo é visto como parte de um processo educativo que dura por toda a vida”. (1934, p. 93)

Já quando essa professora foi questionada sobre quais os fatores que levam a repetência e ao déficit de aprendizagem, ela responsabilizou as “Salas superlotadas, falta de acompanhamento dos pais e principalmente força de vontade dos alunos em estudar, eles não querem.” (ENTREVISTA I). O que percebemos é que os professores culpam o governo, o sistema, a falta de interesse dos alunos, falta de compromisso dos pais e etc.. E por mais que “culpados” sejam muitos, a culpa maior sempre recai sobre o aluno, como afirma Gustavo



Ioschpe, “[...], os alunos são condicionados pelo seu sistema de ensino a acreditar que o culpado pelo insucesso do aluno é ele mesmo.” (2009). Ou seja, a criança sempre ouve os professores se reclamados para os pais, de como os filhos destes são desinteressados, indisciplinados, que só querem brincar e etc., e eles acabam por acreditar que eles são incapazes evoluir no seu processo de ensino-aprendizagem, e evadem da escola.

Continuando com as análises dos questionários aplicados às docentes que responderam a um questionamento relacionando se o currículo aplicado na sua instituição de trabalho era capaz de sanar o fracasso escolar, as respostas demonstraram uma completa insegurança e falta de conhecimento acerca do currículo, além de apontarem certa culpabilização referente ao aluno quando questionadas sobre o porquê do fracasso escolar, e se o currículo vigente colabora para tal fracasso: “O sucesso de um trabalho exige empenho e compromisso, portanto, o currículo é um dos fatores, além dos pais, professores e principalmente dos alunos que precisam de conscientização do ensino-aprendizagem” (ENTREVISTA III).

Nesta resposta torna-se notório que a docente demonstra ter uma postura de insegurança ao abordar sobre o currículo, pois considera-lo como um mero “fator” é não compreender o currículo como “o próprio fundamento de qualquer sistema de ensino, ele é o elemento nuclear do projeto pedagógico da escola, viabilizando o processo de ensino-aprendizagem” (SCHMIDT, 2003, p.60). Dessa forma, além de ter pouco conhecimento sobre currículo a docente ainda enfatiza a maior necessidade de “conscientização” por parte do aluno, esquecendo que o fracasso dos (as) alunos (as) pode também estar relacionado como coloca Sampaio, há problemas de aprendizagem relacionados às metodologias inadequadas, privação cultural e econômica onde de certa forma “não existe uma adaptação curricular à realidade socioeconômica do aluno” (2010, p.90).

### **Considerações Finais**

Diante de um complexo processo de nova significação de valores, ideias e atitudes no que se referem às relações pessoais e culturais, em um mundo globalizado com novas diretrizes que determinam novas posturas e maneiras de pensar e agir, o currículo é um dos fatores determinantes para a implantação e disseminação de práticas escolares, bem como interfere no comportamento social dos indivíduos, pois o mesmo não se resume mais à escolha dos conteúdos que norteiam o ensino, ele influencia os comportamentos políticos, sociais e econômicos da sociedade, uma vez que, a noção de currículo vai muito além de um conjunto de práticas e conteúdos a serem seguidos pela escola, mesmo assim percebemos que os educadores que fizeram parte de nossa pesquisa não detém domínio acerca da definição do

currículo, bem como sua abrangência e importância, o que nos faz perceber a inviabilidade de uma prática pedagógica significativa, pois para tanto há a necessidade de se estar ciente do que é para quem serve e para quem se destina o currículo.

Em conversa com alguns professores da rede municipal de Parnaíba, bem como nas observações, percebemos o quanto a educação continua desvinculada da realidade do educando, pois geralmente os professores se detêm a um ensino livresco, em que o aluno é sujeitado a ouvir o que o professor fala, e a fazer cópia de exercícios e textos contidos nos livros que quase sempre não trazem muitas informações que tenha relação com seu cotidiano, dificultando assim uma aprendizagem efetiva, o que culmina com salas de aula do 5º Ano do Ensino Fundamental, lotadas de alunos iletrados, que conseguem no máximo decodificar signos escritos. E o mais interessante nisto tudo é que as escolas possuem vários programas que alegam servir de auxílio para que os professores melhorem sua prática, como o <sup>5</sup>Qualiescola, o <sup>6</sup>IQE e tantos outros, mas estes não se dão conta que enriquecem os professores de conteúdos que posteriormente passarão para seus alunos que receberão essas informações, sentados, calados, sem haver a mínima possibilidade de elencarem questionamentos, críticas ou discussões, pois os mesmos recebem informações, mas não compreendem o significado das mesmas.

O mais inquietante nisso tudo é que parece que todos olham mas ninguém vê, e nos perguntamos o que há de errado com esta educação? Por que as crianças não aprendem? Quem é o culpado por esse fracasso? Procuramos fatores que nos levassem a compreender que acontece dentro das escolas públicas de Parnaíba, para que as mesmas tenham um IDEB tão baixo, buscamos informações sobre a formação acadêmica dos professores, e estes na escola em que desenvolvemos nossa pesquisa têm em sua totalidade formação superior e a maioria com especialização em alguma área.

Contudo, nos perguntamos mais uma vez onde está o problema? E na tentativa de descobrir elegemos o currículo como forte fator que impede o avanço da educação, pois este parece está desvinculado da realidade dos educandos, o que pode está impedindo-o de alcançar a liberdade que a educação proporciona, pois “o currículo é um local onde ativamente se produzem e se criam significados sociais” (SILVA, 2003). De acordo com Freire (2003), o currículo é criticado no que se refere ao conceito de educação bancária, que

---

<sup>5</sup> O Programa Qualiescola visa à melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem dos alunos de escolas públicas de 1ª a 8ª série, por meio de um conjunto de ações articuladas de intervenção na prática escolar.

<sup>6</sup> O Instituto Qualidade no Ensino (IQE) é uma associação civil de caráter educacional e de assistência social, sem fins econômicos, criada em 1994 e mantida com o apoio de empresas privadas e parcerias com governos.

idealiza o conhecimento como constituído por informações e fatos a serem simplesmente transferidos do professor para o aluno, estabelecendo um ato de “depósito bancário”, colocando dessa forma o professor como um ser ativo no processo e o aluno como mero ser passivo, o que acaba por desligar o currículo da situação existencial das pessoas envolvidas no ato de conhecer.

Em vista disto relacionamos o currículo a uma questão cultural a qual favorece àquela que garante a hegemonia das classes dominantes em detrimento das classes dominadas, anulando o próprio conceito de cultura, haja vista ser este “cultura é tudo aquilo produzido pelo homem.” Sendo assim podemos analisar que o currículo contribui para a efetivação da reprodução social, pela transmissão da cultura dominante, garantindo sua hegemonia, munindo de “verdade” a essa cultura, os seus valores os seus gostos, os seus costumes e os seus hábitos, que passam a ser considerada a “cultura”, desprezando os costumes e valores das classes dominadas, os quais, por sua vez, passam a não ter valor. (SILVA, 2003) Em suma, é notório que a escola ao invés de transformar, paradoxalmente exclui e segrega os menos favorecidos, levando-os ao fracasso e a garantir a disseminação do “*status quo*”. Para Giroux:

As escolas fazem mais do que repassar de maneira objetiva um conjunto comum de valores e conhecimento. Pelo contrário, as escolas são lugares que representam formas de conhecimento, práticas de linguagem, relações e valores sociais que são relações e exclusões particulares da cultura mais ampla. Como tal, as escolas servem para introduzir e legitimar formas particulares de vida social.” (1997, p. 162)

Todavia, concluímos com a impressão de que para que haja um avanço na educação brasileira é necessária uma adequação do currículo vigente a realidade de nosso país e este deve ser enquadrado à vivência do alunado de Parnaíba, para que assim esse aluno a partir de sua realidade abranja seus conhecimentos do micro para o macro, tornando este significativo, e que a escola exerça seu papel de transformador perante a sociedade, sendo que esta para Soares deve ter um comprometimento com a luta contra as desigualdades, visando à garantia da aquisição dos conhecimentos e habilidades que instrumentalizem as classes populares de forma a instigar sua participação na transformação social, configurando-se então o real papel de uma escola transformadora que deve ser consciente de sua função política, comprometida em assegurar a conquista dos menos favorecidos das “mais amplas condições de participação cultural e política e de reivindicação social” (1992, p. 13)

Em vista disto, é notória a necessidade de uma “reconstrução” da educação, e intrinsecamente a isso o currículo aparece como uma das principais vias para que isso ocorra de forma organizada e objetiva, não queremos afirmar que por meio de reabilitação do

currículo todos os problemas da educação serão sanados, mas que através deste, é possível dá início a uma reestruturação de nossa educação, pois acreditamos que a adequação do currículo a nossa realidade, levando em consideração as diferentes culturas, bem como o despertar dos professores, para que os mesmo não reproduzam um conhecimento que lhes é proposto, pronto e acabado dentro de um plano curricular, mas que estes vejam no currículo uma diretriz para desenvolver uma práxis que almeje uma formação política-social, que irá munir de subsídios àqueles que futuramente poderão participar ativamente para a transformação da sociedade.

### **Referencias bibliográficas**

CORTELLA, Mario Sergio. **A escola e o conhecimento:** fundamentos epistemológicos e políticos. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais:** rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre : Artes Médicas, 1997.

IOSCHPE, Gustavo. **Falência educacional: complô ou lógica?** Revista VEJA 2009. Disponível em: < [http://veja.abril.com.br/gustavo\\_ioschpe/index\\_180209.shtml](http://veja.abril.com.br/gustavo_ioschpe/index_180209.shtml)> Acesso em: 15/03/2012

SAMPAIO, Simaia. **Dificuldades de aprendizagem:**a psicopedagogia na relação sujeito, família e escola. 2 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2010.

SCMIDT, Elizabeth Silveira. **Currículo:** uma abordagem conceitual e histórica. Disponível em : <http://www.uepg.br/propes/publicatio/hum/2003/0.htm>. Acesso em 20 abr 2008.

SILVA, Maria José A. da. **O campo do currículo no Brasil:** origens e desenvolvimento inicial. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 1999, 14 p. (Mimeo).

\_\_\_\_\_. **As contribuições das teorias pós-críticas ao campo curricular.** Fortaleza, Universidade federal do Ceará, 2001, 13 p. (Mimeo).

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte, MG : Autêntica, 1999.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola:** uma perspectiva social. 9 ed. São Paulo: Ática, 1992.

TEIXIERA, Anísio. Pequena introdução à filosofia da educação – A escola progressista ou a transformação da escola. 1934.